

GÊNESIS E JÓ, O RELATO DA REVELAÇÃO ESPECIAL ANTES DA BÍBLIA

  Flavio da Silva de Souza^{1,*}

RESUMO

Após analisar as histórias relatadas em Gênesis e Jó pode-se perceber o quanto Deus revelou antes da Bíblia ser escrita. Observe que antes da Bíblia ser escrita já havia a revelação do Grande Conflito e da vitória final de Jesus sobre a serpente. O plano da redenção foi anunciado no Éden exemplificado pela morte do cordeiro. Depois explicada a Abraão e exemplificado no quase sacrifício de Isaque. A intercessão pelos outros foi apresentada nas histórias de Abraão e de Jó. A revelação de um Deus que está disposto a dar uma segunda chance pode ser vista na história de Caim, no recomeço da terra após o dilúvio e no final da história de Jó especialmente em relação a seus amigos. A revelação sobre o juízo divino pode ser observada nas histórias de Noé e de Sodoma e Gomorra. A revelação sobre a volta de Jesus foi dada a Enoque. A revelação de que Deus está no controle da história pode ser notada nas histórias de José e de Jó.

Palavras-chave: Teologia. Bíblia. Livro de Gênesis. Livro de Jó.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), docente na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) e Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).

***Autor correspondente:**

flavio.souza@adventista.edu.br

Submissão: 03/2021

Aceite: 11/2021

Como citar

SOUZA, F. S. Gênesis e Jó, o relato da revelação especial antes da Bíblia. *Práxis Teológica*, v. 17, n. 1, p. e1568, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2021v17n1.e1568>.



INTRODUÇÃO

Muitos autores afirmam que como após o pecado a relação entre Deus e o ser humano foi enfraquecida, houve a necessidade da revelação especial. Segundo Erickson (1997, p. 56-57), isso se justifica porque “os homens perderam o relacionamento de favor com Deus, que possuíam antes da queda”. Após a queda tinham o entendimento das questões espirituais obscurecido, logo careciam de uma instrução mais completa. Bavinck (2001, p. 74) também entende que foi preciso a revelação especial por causa do pecado. Por sua vez, Berkhof (1990, p. 29) afirma que, apesar de a revelação especial de Deus não ser um pensamento posterior de Deus, “é dirigida ao homem na qualidade de pecador”. O livro *Nisto cremos*, por exemplo, diz:

O pecado limita a autorrevelação de Deus manifestada através da criação, pelo fato de obscurecer a habilidade humana em interpretar o testemunho de Deus. Portanto, tendo em vista auxiliar os indivíduos na compreensão das coisas divinas, Deus apresentou uma “revelação especial” de Si próprio. Ele decidiu apresentar-Se diante da humanidade por um meio específico, o qual não deixaria margem a questões no tocante a Seu caráter ou Seu amor pela humanidade – e Deus o fez através das Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. No princípio a Sua revelação veio através dos profetas; depois ela foi transmitida por intermédio de Sua revelação última, a pessoa de Jesus Cristo. (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 16-17)

Seguindo o mesmo pensamento, Van Bemmelen (2011, p. 34-35) argumenta que “os seres humanos alienados de Deus pelo pecado” necessitavam “desesperadamente de uma nova revelação de Deus”, a revelação especial. Os profetas e apóstolos, além de proclamar, também escreveram a revelação dada por Deus, seus escritos formam o Antigo Testamento (AT) e o Novo Testamento (NT). Mas, apesar de muitos autores concordarem que a revelação especial é uma forma de Deus se comunicar com o homem após o pecado, nem todos estão de acordo a respeito dos meios utilizados por Ele.

Erickson (1997, p. 60-63) compreendia que os meios da revelação especial eram os eventos históricos, o discurso divino e a encarnação. Já Van Bemmelen (2011, p. 35) entende que “revelação especial é todo o processo pelo qual Deus revelou a Si mesmo e Seu propósito redentor para a raça humana por intermédio de Israel, dos profetas e dos apóstolos e supremamente em Jesus Cristo”. Grudem (2001, p. 59-60) menciona apenas a Bíblia como revelação especial.

Canale (2011) observa que a “revelação especial refere-se à manifestação de Deus e de sua vontade por meio das Escrituras”. O autor lista quatro formas usadas por Deus para comunicá-la: as teofanias, os sonhos, a história da salvação e Jesus, a mais completa e elevada revelação divina. Também menciona que apesar de Moisés não ter acesso a revelações escritas anteriores, ele conhecia a revelação divina via tradições orais (CANALE, 2011)¹.

Gulley (2011, p. 229) comenta que tradicionalmente a revelação particular de Deus tem sido indicada com sua revelação na Escritura e a revelação geral, a revelação divina fora da Escritura. Ao argumentar acerca da revelação na história, ele fala sobre a atuação de Deus com Abraão, Isaque, Jacó e José. Apresenta a Jesus como revelação do Pai (GULLEY, 2011, p. 263, 268). Bavinck (2001,

¹ Ver páginas p. 35, 260, 263, 265, 271

p. 79) salienta que a revelação especial começou logo após a queda, ou seja, antes de a Bíblia ser escrita.

A primeira questão que surge é se a revelação especial se dá somente após o pecado, e a segunda é: se a revelação especial se dá apenas por meio das Escrituras Sagradas e da encarnação de Jesus, há um hiato de cerca de 2.500 anos entre a queda e a confecção dos primeiros livros da Bíblia, os livros de Moisés?

O objetivo deste artigo é procurar entender como se deu a revelação especial no período anterior aos homens terem acesso à palavra de Deus de modo escrito, pois pouco tem sido tratado a respeito dela nesse período.² Verificaremos qual era o grupo de pessoas que recebia essas revelações, de que forma eram dadas, quem eram os agentes celestiais que traziam a revelação e o que foi revelado. Isso será feito em primeiro lugar mediante uma pesquisa bíblica, observando as revelações especiais relatadas em Gênesis e Jó. Em seguida, buscaremos compreender o seu conteúdo com o auxílio de uma revisão bibliográfica, e por fim compararemos o teor das revelações iniciais com o que foi revelado no restante da Bíblia, podendo assim ter uma noção de quanto Deus já tinha revelado aos seres humanos antes de a Bíblia ser escrita. Começaremos pesquisando os agentes reveladores, os receptores da revelação e a forma de comunicação dela nesse período.

A REVELAÇÃO ESPECIAL EM GÊNESIS E JÓ

Geralmente o agente revelador é o próprio Deus chamado de “Senhor Deus” $\sim yhil\{a/ hw"hy>$ (Gn 3:8-21), “Senhor” $hw"hy>$ (Gn 4:6-7; 7:1-4; 8:21-22; 12:1-3, 7; 13:14-17; 18:1-14, 15, 16-33; 25:23; 26:2-5; Jó 38-40:2; 40:6-41:34; 42:7-9) ou “Deus” $\sim yhil\{a/$ (Gn 5:24; 6:9, 13-22; 9:1-17; 21:12-13; 22:1-2; 31:24; 35:1-2, 9-13; 41:1-7, 15-38; 46:2-4). Em algumas passagens, aparece alternadamente “Senhor” $hw"hy>$ e “Deus” $\sim yhil\{a/$ (Gn 4:9-15; 17:1-22; 20:3-7; 26:24; 28:12-17), e em outras, alternadamente “Senhor” $hw"hy>$ e “Senhor Deus” $\sim yhil\{a/ hw"hy>$ (Gn 15:4-21).

Em Gênesis 32:24-30, Deus é chamado de “homem” $vyai$. Em Gênesis 16:7-14; 22:11-13, 15-18 Jesus é o anjo do Senhor $hw"hy> \%a;l.m$; e em Gênesis 21:17-20; 31:11-13, como anjo de Deus³ $\sim yhil\{a/ \%a;l.m$. Há ainda passagens que não citam Deus, apesar de sabermos pelo contexto que a revelação veio dEle (Gn 37:5-10; 40:5-21). É possível que o que Jó diz em Jó 19:25 seja fruto de uma revelação do próprio Deus a ele.

Também poderia ser dada por anjos (Gn 19:1-4, 12-13, 15-22; 32:1-2). Os seres humanos poderiam ser porta-vozes de Deus como profetas, como Jacó (Gn 48:21; 49:1-27) e José (Gn 37:5-

² Os autores que reconhecem que há revelação divina nesse período de cerca de 2.500 anos observaram-no apenas superficialmente. Gulley (2011, p. 263) dedica um parágrafo a esse tempo. Bavinck (2001, p. 82) faz uma análise do que foi revelado para Abraão em uma página. Van Bemmelen (2011, p. 28, 36) menciona as teofanias de Gênesis e as reconhece como revelação especial em alguns poucos parágrafos.

³ Gulley (2006, p. 85-86) e Moskala (2010, p. 261-163) analisam as passagens de Gênesis 16, 22 e 31 e entendem que o contexto deixa claro que o Anjo do Senhor ou Anjo de Deus é um membro da divindade, o Cristo pré-encarnado. Moskala, apesar de não analisar, menciona Gênesis 21 em sua argumentação.

10⁴; 40:5-21; 41:1-7, 15-38).

Vimos, portanto, que a revelação especial dada por Deus após o pecado e antes da Bíblia tinha como transmissores o próprio Deus, os anjos e os profetas. Agora, vamos analisar quem eram os receptores dela. É natural imaginar um padrão desses receptores para terem o privilégio de receber uma revelação da parte de Deus, quem sabe um homem pertencente à linhagem da qual viria o Messias ou pelo menos que fizesse parte do povo da promessa e sobretudo temente a Deus.

Os receptores são os seres humanos. Poderiam ser homens como Adão (Gn 3:8-21), Enoque (Gn 5:24), Noé (Gn 6:9, 13-22; 7:1-4; 8:21-22; 9:1-17), Ló (Gn 19:1-4, 12-13, 15-22), José (Gn 37:5-10; 40:5-21; 41:1-7, 15-38, 48:21), os filhos de Jacó (Gn 49:1-27) e Elifaz (Jó 42:7-9). Mas, também poderiam ser mulheres, como Eva (Gn 3:8-21), Sara (Gn 18:15) e Rebeca (Gn 22:15-18).

Poderiam ser tementes a Deus, da linhagem do Messias, como Isaque (Gn 26:2-5, 24), Jacó (Gn 28:12-17; 31:11-13; 32:1-2, 24-30; 35:1-2, 9-13; 46:2-4), ou tementes a Deus fora da linhagem do Messias, como Jó (19:25; 38-40:2; 40:6-41:34). E ainda poderiam não ser tementes a Deus como Caim (Gn 4:6-7, 9-15) e Labão (Gn 31:24, 29).

Poderiam ser reis que não eram tementes a Deus, como o Faraó (Gn 41:1-7, 15-38) e Abimeleque (Gn 20:3-7); ricos e tementes a Deus, como Abraão (Gn 12:1-3, 7; 13:14-17; 15:4-21; 17:1-22; 18:1-14, 16-33; 21:12-13; 22:1-2, 11-13, 15-18); empregados, como o copeiro-chefe e o padeiro-chefe do Faraó (Gn 40:5-21); e até mesmo escravos, como Agar (Gn 16:7-14; 21:17-20). O que se pode observar é que Deus alcançou pessoas completamente diferentes por meio da revelação especial.

No período entre a queda e a Bíblia, Deus se revelou principalmente pela fala dEle ou dos anjos diretamente aos seres humanos (Gn 3:8-19; 4:6-7, 9-15; 6:13-22; 7:14; 8:21-22; 9:1-17; 12:1-3, 7; 13:14-17; 15:4-21; 16:7-14; 17:1-22; 18:1-33; 19:1-4, 12-13, 15-22; 21:12-13, 17-20; 22:1-2, 11-13, 15-18; 25:23; 26:2-5, 24; 32:24-30; 35:1-2, 9-13; 38-40:2; 40:6-41:34; 42:7-9). Mas também se revelou mediante ações dEle ou dos anjos (Gn 3:21; 32:1-2, 24-30); andando (Gn 5:24; 6:9); por meio de sonhos (Gn 20:3-7; 28:12-17; 31:11-13, 24, 29; 37:5-10; 40:5-21; 41:1-7); visões (Gn 46:2-4); e pela palavra dos profetas (Gn 37:5-10; 40:5-21; 41:1-7, 15-38; 48:21; 49:1-27).

Após observarmos os transmissores, os receptores e as formas como a revelação especial foi dada antes de a Bíblia ser escrita, veremos seu conteúdo. Veremos em primeiro lugar as revelações na história primeva (Gn 1-11), depois na história patriarcal (Gn 12-50) e, por fim, no livro de Jó.

A REVELAÇÃO ESPECIAL NA HISTÓRIA PRIMEVA

Deus já tinha revelado a Adão e Eva que o ser humano era o mordomo da criação, que deviam se multiplicar e ter um regime alimentar saudável (Gn 1:28-30). Também havia revelado que nem tudo o que parecia bom de fato era, e que o mal existia e que o pecado resultaria em morte (Gn 2:16-17). Além disso, que, ao ignorar essas revelações, ouvir a serpente e desobedecer a Deus (Gn 3:1-7), deveriam receber a sentença de morte.

O que Deus fez? Waltke (2010, p. 109-110) comenta que “embora seja onisciente, Deus lhes

⁴ O cumprimento do sonho foi identificado por José em Gn 42:9 e 45:7.

interroga, induzindo-os a confessar sua culpa”. Em resposta, o casal distorceu a verdade, acusando um ao outro e, por fim, a Deus. Apesar de culpados, não receberam a sentença de morte. Ouviram o protoevangelho, Gênesis 3:15. Von Groningen (2003, p. 105-106) afirma que nesse verso há a promessa de “uma futura semente da mulher. E esta semente terá um status, uma posição e funções reais”. Sobre esse verso, Ellen White (2007a, p. 35) comenta:

Esta sentença, proferida aos ouvidos de nossos primeiros pais, foi para eles uma promessa. Ao mesmo tempo em que predizia guerra entre o homem e Satanás, declarava que o poder do grande adversário finalmente seria quebrado. Adão e Eva achavam-se como criminosos diante do justo Juiz, esperando a sentença em que pela transgressão tinham incorrido; mas antes que ouvissem da vida de lutas e tristezas que devia ser a sua porção, ou o decreto de que deviam voltar ao pó, escutaram palavras que não poderiam deixar de lhes dar esperança. Posto que deveriam sofrer pelo poder de seu forte adversário, poderiam olhar no futuro para a vitória final.

Souza (2006) afirma que em Gênesis 3:15 há “uma descrição miniaturizada do grande conflito entre Deus e Satanás em três grandes fases”. A primeira fase⁵ seria a individual entre Eva e a Serpente no Jardim do Éden; a segunda⁶, coletiva entre o povo de Deus e os ímpios ao longo da história humana; e a terceira⁷ voltaria a ser individual entre Cristo e Satanás no fim da história humana, com a vitória garantida na cruz.

Apesar da dor, o parto era para Eva a certeza da continuação da vida por meio de seus descendentes e sobretudo de seu Descendente, a semente da mulher, Jesus (Gn 3:16). Para Adão (Gn 3:17-19), a ocupação seria importante, agora que ele tinha uma natureza pecaminosa. Na primeira revelação divina após o pecado, já foi revelada toda a história da terra com o Grande Conflito como pano de fundo.

Ao fornecer as primeiras roupas para Adão e Eva, Deus também estava indicando por meio daquele sacrifício o que aconteceria com o Descendente da mulher. Acabava de ocorrer o primeiro sacrifício de sangue para propiciar o pecado. Mathews (1996, p. 254-255) afirma que a linguagem do versículo alude ao estabelecimento e adoração do tabernáculo. Segundo White (2007a, p. 68), o sacrifício do cordeiro deu a Adão uma intuição mais ampla de sua transgressão e possibilitou a ele também compreender melhor o amor de Deus. Deus estava revelando o plano da salvação por intermédio dessa ação. Adão e Eva entenderam de modo prático o que significava o sacrifício do Cordeiro cobrir os seus pecados.

Podemos então perceber que após o pecado foi revelada a Adão e Eva toda a história da terra até a vitória final de Cristo sobre a Serpente, ou seja, o Grande Conflito. Foi revelado no plano da salvação a importância da Semente da mulher e de seu sacrifício para dar fim ao pecado, e isso se deu mediante a fala de Deus e sua ação ao providenciar as roupas feitas com a pele do cordeiro. Mesmo com o pecado no mundo, Deus continuou a se revelar.

A próxima revelação divina mencionada na Bíblia foi para Caim. O sacrifício de Abel tinha sido aceito (Gn 4:4), e o de Caim, rejeitado (Gn 4:5). Como resultado, Caim encheu-se de ira. No

⁵ “Porei inimizade entre ti e a mulher” (Gn 3:15a).

⁶ “entre a tua descendência (ímpios) e a sua descendência” (povo de Deus) (Gn 3:15b).

⁷ “Ele (Cristo) te ferirá a cabeça, e tu (Satanás) lhe ferirás o calcanhar”. (Gn 3:15c).

verso 6, Deus perguntou a ele: “Por que te iraste?”. A pergunta “por que” tinha o propósito de induzi-lo a reconhecer que sua ira era ilógica. Devia compreender que Deus tinha razão de recusar sua oferenda.

Antes mesmo que Caim respondesse, Deus lhe disse o que fazer: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo” (Gn 4:7).⁸ O texto hebraico literalmente diz “o pecado está deitado à porta”. Azevedo (2003)⁹, após estudar essa passagem, argumenta que como a palavra hebraica חַטָּאת (“pecado”) também pode significar “oferta pelo pecado”, provavelmente o texto não esteja falando do pecado, mas de um animal sacrificial, uma oferta pelo pecado, que estaria à disposição de Caim, à porta do Éden.¹⁰

Note que, além de dar uma segunda chance a Caim, Deus o poupou do constrangimento de ir até Abel a fim de lhe pedir um animal para o sacrifício. Esse sacrifício não custaria nada a Caim. Deus estava lhe revelando que rejeita nossos erros, mas não nos rejeita. Além disso, o sacrifício do Cordeiro é dado por Deus, não nos custa nada e está à nossa disposição.

Após o assassinato de Abel, Deus perguntou a Caim: “Onde está Abel, teu irmão?”. Era mais uma oportunidade para Caim refletir no que estava fazendo. Deus não chegou o condenando, desejava que caísse em si e se arrependesse; porém, o deboche e a ironia na resposta de Caim¹¹ demonstravam claramente a rebelião dele. Henry (1994, p. 18) ressalta que Caim está dizendo que quem deveria ser o guardião de Abel era o próprio Deus, pois o mantenedor da vida era Deus, e não ele.

Após receber a maldição divina, Caim observou que seu castigo era demasiadamente grande (Gn 4:13-14), e então Deus lhe deu um sinal (v. 15) com o objetivo de que quem o encontrasse não o ferisse de morte. Caim não se julgava tutor de seu irmão e agora clamava por um tutor, Deus em ato de graça afirmou-se como tutor do irônico e fraticida Caim. Mais uma vez, Deus se revelou a Caim, alguém que estava em clara oposição a Ele. Observe como Deus está disposto a salvar até mesmo o pior pecador. Revela-se como um Juiz justo que a tudo vê, mas que julga pela graça e busca salvar e até mesmo proteger um pecador rebelde.

Após Caim, o próximo personagem bíblico para quem Deus se revelou segundo o livro de Gênesis foi Enoque, que andou com Deus de tal maneira que Deus o tomou para si (Gn 5:24). Infelizmente, não há em Gênesis o que lhe foi revelado, mas a carta de Judas menciona que Enoque profetizou a respeito da vinda do Senhor nas nuvens entre santas miríades para exercer juízo (Jd 1:14-

⁸ Esse texto normalmente tem sido interpretado como comparando o pecado a um animal selvagem que está à espreita pronto para atacar sua vítima. Ver: Matthew, Henry. *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: complete and unabridged in one volume*. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), p. 17; Paul, J. Kissling. *The College Press NIV Commentary: Genesis* (Joplin, MO: College Press Publishing Co., 2004), p. 222-223; Keil, C. F.; Delitzsch, F. *Commentary on the Old Testament* (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), p. 70. v. 1.

⁹ Para maiores detalhes, ver: Azevedo, J. À porta do paraíso: uma interpretação contextual de Gn 4:7. *Hermenêutica*, v. 3, p. 17-21, 2003.

¹⁰ A porta do Éden e a porta do templo tinham a mesma posição geográfica, ou seja, para o oriente (Gn 3:24; Ex 38:13); havia uma presença sobrenatural diante delas: a do Éden, um querubim (Gn 3:24); e a do tabernáculo, uma coluna de nuvem quando Deus falava com Moisés (Ex 33:10; Nm 12:5). No período do tabernáculo, os sacrifícios eram trazidos a porta dele (Lv 1:3; 3:2; 4:4; e outros). Logo, podemos concluir que a porta em que está deitada a oferta pelo pecado não é a nossa porta ou diante de nós como uma alegoria, mas a do Éden, local escolhido por Deus para o sacrifício; ou seja, a oferta já estava à disposição e no local certo (Azevedo, 2003, p. 17-21).

¹¹ “Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?”.

15). Comentando esses versos de Judas, Davids (2005) afirma que quando Judas se refere a Enoque como o sétimo – o número da perfeição – após Adão, quer destacar a importância dele e do que profetiza, ou seja, da revelação recebida por ele. O autor também nota que o propósito desta vinda é o julgamento que decidirá quem é inocente e quem é culpado (DAVIDS, 2005, p. 75-81). Schreiner (2003, p. 468) comenta que Enoque previu havia muito tempo que o Senhor viria e julgaria a todos aqueles que viveram vidas ímpias, reveladas por suas obras e palavras.

A próxima revelação relatada na Bíblia foi para Noé. Em Gênesis 6:13, Deus o avisou que a vida na terra seria destruída e apresentou o motivo: ela estava cheia de violência. Orientou-o a construir uma arca para se abrigar no período do Dilúvio (Gn 6:13-17). No verso 18, aparece pela primeira vez na Bíblia a palavra “aliança”. A expressão *ytiyriB-ta, ytimoqih]w*: – traduzida como “estabelecerei a minha aliança” –, aponta, segundo Waltke (2010, p. 163-164), para a confirmação de uma aliança preexistente. Mathews (1996, p. 366-367) vê a possibilidade de confirmação de uma aliança aqui, mas não uma já existente com Noé, e sim com a criação (1:1-2:3). Como Mathews não vê uma linguagem de aliança na narrativa de Gn 2:4-4:26, ele entende aqui como uma antecipação da nova aliança (Gn 9). Entretanto, é bem provável que Deus estivesse se referindo à confirmação da aliança com a criação, pois a que consta em Gênesis 9 repetia ordenanças e promessas do relato da criação.

Aqui Deus se revelou como o Deus poderoso que busca entrar em aliança com o ser humano. Nesse relato, toda a iniciativa é dEle, que se relaciona com suas criaturas, um Deus protetor. Pois o cumprimento dessa aliança consistia na proteção da família de Noé e das espécies dos animais na arca no período do Dilúvio (Gn 6:18-22).

Em Gn 7:1-4, Deus repetiu a ordem para entrar na arca com toda a família, mas, como veremos em outras passagens de Gênesis, a repetição veio com uma ampliação. A revelação foi progressiva. Na repetição da ordem, Deus deu a justificativa por que Noé e sua família seriam poupados: Noé estava sendo justo diante de Deus naquela geração (Gn 7:1); isso não era mérito dele, era pela graça (Gn 6:9). Deus também anunciou a quantidade de pares de animais limpos e impuros (Gn 7:2-3) e anunciou a data do Dilúvio, sete dias depois (Gn 7:4).

Em Gênesis 8:21-22, após Noé erguer um altar e oferecer holocaustos, Deus afirmou que não mais amaldiçoaria a terra por causa do homem. Apesar de o Dilúvio não ter mudado a natureza humana (Gn 8:21; cf. 6:5), havia ali uma promessa não apenas de não mais destruir a terra, mas de mantê-la, garantindo as colheitas e as estações e os dias de forma regular.

Em Gênesis 9:1-17, a aliança de Deus com Noé foi além da proteção da vida, significou uma nova criação, um recomeço. Noé e sua família saíram da arca para uma nova terra (WALTKE, 2010, p. 145-146). Noé se tornou o novo Adão. Ross (1985, p. 37) diz: “No meio do Dilúvio, em que o soberano Senhor da Criação destruiu o mundo, Noé, servo de Deus e um destinatário da graça, navegou até a nova criação e adorou a Deus”.

A narrativa da destruição da terra pelo Dilúvio com o rompimento das fontes do grande abismo e a abertura das comportas dos céus (Gn 7:11) demonstra uma inversão dos três primeiros dias da criação (Gn 1:1-13). A terra seca surge das águas (Gn 1:9; 8:4). O quinto e sexto dias da criação (Gn 1:20-30) têm seu equivalente em Gn 8:1-19. Assim como Adão, Noé recebeu a ordem para multiplicar

(Gn 1:28; 9:1), teve domínio sobre a terra (Gn 1:26-28; 9:2), houve o plantio de um jardim (Gn 2:8; 9:20) (MATHEWS, 1996, p. 350-351; ROSS, 1985, p. 37-38). Gênesis 9, além de mostrar que após o Dilúvio houve “uma nova criação”, também apresenta uma progressão em relação ao que foi dito por Deus em Gênesis 8:21 sobre não mais amaldiçoar a terra e ferir todo ser vivente. Deus esclareceu que as águas não mais se tornariam dilúvio para destruir toda a carne (Gn 9:15), ou seja, não destruiria mais a terra com um Dilúvio.

Mulzac (2001, p. 73-76) destaca que em Gênesis 9:5-6 Deus apresentou a Noé e a sua família a teologia da santidade da vida humana. Pois, o sangue de uma pessoa nunca deveria ser derramado. Deus requerirá o sangue do animal ou do homem que matar um ser humano, pois o homem é a imagem de Deus. O autor ainda observa que essa revelação divina antecipa o que seria ensinado ao povo de Israel: a sentença de morte para um animal que matar um ser humano (Ex 21:28-29) e a sentença para o ser humano que assassinar outro ser humano (Ex 21:12; Lv 24:16-22; Nm 35:30-34).

Como podemos ver até aqui, Deus se revelou para Noé como o Criador que busca se relacionar com as suas criaturas, que cumpre sua parte na aliança, que é um justo juiz. Revelou a sacralidade da vida humana. Além disso, a orientação sobre os animais limpos e os imundos indica que Deus já havia revelado aos homens essa distinção muito antes de Moisés escrever Levíticos 11. Da mesma forma, em Gênesis 9:3-4, Deus autorizou a carne como alimento e proibiu comer carne com sangue, conforme escrito posteriormente em Levíticos 7:27; 17:10 e 14. Após Noé, o povo voltou a se corromper, começou a construir a Torre de Babel, Deus interveio e os homens foram dispersos. Algumas gerações depois a Bíblia relata que Deus se revelara a Abraão.

A REVELAÇÃO ESPECIAL NA HISTÓRIA PATRIARCAL

Em Gênesis 12:1-3, Deus chamou Abraão e lhe fez promessas. Deus o orientou em primeiro lugar a sair da terra da parentela dele para outra que iria lhe mostrar. Em segundo lugar, afirmou que faria dele uma grande nação e o abençoaria, abençoaria os que o abençoassem e amaldiçoaria os que o amaldiçoassem. Em terceiro lugar, nele seriam benditas todas as famílias da Terra. Em Gênesis 12:5-7, houve uma progressão, Deus já disse que daria a terra a Abraão e a sua descendência e informou qual seria, a terra de Canaã (Gn 12:5). Em Gênesis 13:14-17, Deus mostrou a terra e reafirmou que a daria a Abraão e sua descendência, o elemento novo é que seria para sempre. Aqui também houve uma descrição melhor da grande nação que seria sua descendência: seria como o pó da terra, impossível de ser contada.

Em Gênesis 15:4-21, a revelação continuou a ser progressiva. Em primeiro lugar, Deus respondeu a Abraão que o seu herdeiro não seria Eliezer, o damasceno, mas que sua posteridade seria incontável como as estrelas do céu (Gn 15:4-6). Em segundo lugar, disse a Abraão que sua descendência possuiria a terra, mas seria peregrina, reduzida a escravidão, e afligida por 400 anos. Ainda disse em que geração iria sair (na quarta) e por que deveria haver essa espera – porque ainda não havia se enchido a medida da iniquidade dos amorreus (Gn 15:13-16), porém, ao final, sairia com grandes riquezas. Por fim, Deus fez aliança com Abraão (Gn 15:18-21) e ainda demarcou o território, do rio do Egito ao Eufrates, e citou os povos que ocupavam esse espaço.

Em Gênesis 17:1-22, a revelação divina continuou progredindo. Começou com uma ordem a

Abraão: “anda na minha presença e sê perfeito”. Deus estava afirmando que Abraão não poderia ser perfeito por sua capacidade ou habilidades, primeiro deveria andar na presença de Deus, e depois então seria perfeito (Gn 17:1). Assim como Noé, que achou graça diante de Deus e então se diz que era um homem justo e íntegro entre seus contemporâneos, Noé andava com Deus (Gn 6:8-9). Se em Gênesis 12:1-3 está dito que Abraão seria pai de uma grande nação, em Gênesis 17:4 afirma que seria pai de numerosas nações, reis procederiam dele, pois Ismael seria também uma grande nação (Gn 17:20). Essa promessa a respeito de Ismael foi repetida (Gn 21:12-13) quando Sara quis que Agar e Ismael fossem rejeitados por Abraão (Gn 21:8-11). Deus mudou o nome de Abraão, e a aliança agora era explicada como perpétua. Em Gênesis 17:9-14, ofereceu mais explicações sobre a aliança e instituiu a circuncisão. Em Gênesis 17:15-21, Ele mudou o nome de Sara.

Deus já havia dito que a descendência de Abraão seria incontável (Gn 12:2; 13:16; 15:5), que o herdeiro dele não seria Eliezer, o damasceno (Gn 15:2-4). Em Gênesis 17:18-21, o Senhor afirmou que a aliança não seria com Ismael, mas sim com o filho de Sara, e ainda diz o nome, Isaque. Em Gênesis 18:10 e 14, além de confirmar o nascimento de Isaque, um dos três visitantes celestiais disse quando nasceria, “daqui a um ano”. O Senhor concluiu afirmando que nada era impossível para Deus. Em Gênesis 18:16-33, Ele falou novamente com Abraão, revelando-lhe que havia ouvido o clamor de Sodoma e Gomorra e iria verificá-lo (Gn 18:20-21). Hughes (2004) entende que assim Deus assegurou a Abraão que iria basear seu julgamento em informações precisas. Essa revelação da justiça de Deus fez com que Abraão tivesse a confiança de lutar com Deus, como mais tarde fez Jacó. A Abraão foi revelada a misericórdia de Deus, se houvesse apenas dez, pouparia a cidade (Gn 18:23-33). Deus também lhe revelou que ouvia o clamor, e porque ouvia tudo e sabia tudo, o julgamento estava vindo. Abraão compreendeu que Deus era justo e correto, precisava aprender isso por sua posição na história da salvação e para ensinar a sua descendência (Gn 18:17-19) (HUGHES, 2004, p. 264-269). Deus se revelou como um Deus de amor (Gn 18:26, 29, 31, 32) e que aceitava a intercessão dos justos.

Em Gênesis 22:1-2, Deus pôs Abraão a prova, ordenando-o a oferecer Isaque em holocausto. Abraão obedeceu, saiu de madrugada com seu filho e no terceiro dia da jornada edificou o altar, amarrou seu filho e o deitou ali, em cima da lenha (Gn 22:3-10). A esse respeito, Ellen White (2007a, p. 154) comenta:

Foi para impressionar o espírito de Abraão com a realidade do evangelho, bem como para lhe provar a fé, que Deus o mandou matar seu filho. A angústia que ele sofreu durante os dias tenebrosos daquela terrível prova foi permitida para que compreendesse por sua própria experiência algo da grandeza do sacrifício feito pelo infinito Deus para a redenção do homem.

Davidson (2000) observa que há muitos paralelos entre Isaque e Jesus: ambos tiveram um nascimento milagroso; nasceram no tempo estabelecido;¹² tiveram seus nomes anunciados antes de nascer;¹³ o Monte Moriá era na região do Monte Calvário; o pai entregou o filho, e o filho se entregou;¹⁴ Isaque carregou a madeira para o lugar de sacrifício, o amor do pai que entregou o próprio

¹² Deus disse que Isaque nasceria um ano após a sua visita. Jesus nasceu na plenitude dos tempos (Gl 4:4).

¹³ Mateus 1:21; Gênesis 17:19.

¹⁴ Isaque poderia ter resistido.

filho. A autora entende que nesse evento histórico Deus estava revelando o evangelho a Abraão como nunca antes havia feito (DAVIDSON, 2000, p. 243-244).

Então o anjo do Senhor disse para Abraão não estender a mão contra o filho, pois tinha ficado claro que Abraão temia a Deus ao não negar seu único filho (Gn 22:11-12). Davidson (2000, p. 240) observa que aqui é revelado o que significa temer a Deus, a completa sujeição à vontade dEle. Deus então providenciou o carneiro, e foi feito o holocausto (Gn 22:13-14). Em Gn 22:15-18, Deus reafirmou sua aliança com Abraão, com o que já havia dito em encontros anteriores.

Em Gênesis 16:7-14, o anjo do Senhor anunciou a Agar que a descendência dela seria numerosa, de tal maneira que não poderia ser contada. O anjo ainda disse que ela teria um filho, cujo nome seria Ismael, e, além disso, descreveu como este seria. Ela então invocou o nome do Senhor, “Tu és o Deus que vê”. Há uma semelhança com Gênesis 17:19 quando são mencionados o nome de Isaque e a promessa à descendência de Abraão.

Em Gênesis 21:17-20, o Anjo de Deus disse para Agar não temer, renovou a promessa de que de Ismael viria um grande povo. Deus abriu os olhos dela, ela viu um poço de água e deu de beber a Ismael. Isaque era o filho da promessa, mas Deus cuidou, protegeu e abençoou a Ismael de maneira semelhante. Waltke (2010, p. 359) percebe muitos paralelos entre Gênesis 21 e 22:

A semente natural e a sobrenatural de Abraão, ambas, experimentam a prova e bênção de Deus. A jornada áspera de Agar e Ismael encontra notáveis paralelos com o desafio que Abraão e Isaque terão que enfrentar: (1) jornada para o desconhecido sob o comando do Senhor; (2) provisão para a jornada; (3) a criança a ponto de morrer; (4) intervenção do mensageiro divino; (5) visão que a mãe tem do caminho a seguir; (6) promessa de bênção futura.

Sara riu, não acreditando que poderia ter um filho por ser de idade avançada (Gn 18:12); então o Senhor diz a ela que certamente ela riu. Assim, tanto para Agar quanto para Sara o Senhor se revelou como o Deus que vê (Gn 16:13). Dessa forma, a serva e a senhora tiveram a mesma revelação.

Em Gênesis 19:1-4, dois anjos foram até Ló em Sodoma. Depois de entrarem na casa dele, serem ameaçados pelos homens de Sodoma e feri-los de cegueira (Gn 19:5-11), deram-lhe uma mensagem: se ele tivesse mais alguém, poderiam ser salvos da iminente destruição ordenada por Deus. Note que não houve uma exigência de serem justos (Gn 19:12-13). A fuga de Sodoma ocorreu por intervenção direta dos anjos, que pegaram pela mão a Ló e sua família. Houve a ordem de não olhar para trás nem parar. Depois Ló pediu para ir a uma pequena cidade e foi atendido – além de poder ir para Zoar, a cidade é poupada (Gn 19:15-22). Segundo Hughes (2004, p. 274), o livramento de Ló e da própria cidade de Zoar foi a resposta de Deus para a intercessão de Abraão (Gn 19:29).

Deus em sonhos alertou a Abimeleque que ele seria punido de morte porque havia tomado a Sara. Ele argumentou que tinha sido enganado por Abraão, e Deus afirmou que conhecia a sinceridade de Abimeleque e que o impediu de pecar. Ordenou-lhe a restituir Sara a Abraão e o informou que Abraão era profeta e intercederia por ele, e Abimeleque viveria; mas se não restituísse, era certo que morreria ele e tudo o que era dele (Gn 20:3-7). Hughes (2004, p. 287) observa que aqui é a primeira vez que aparece a palavra “profeta” na Bíblia e que Abraão é o precursor dos grandes profetas intercessores: Moisés, Samuel e Jeremias.

Quando Jacó decidiu voltar à terra de seus pais, Labão saiu atrás dele por sete dias de jornada

e o alcançou na montanha de Gileade (Gn 31:1-23). De noite, em sonhos Deus o alertou para se guardar de não falar a Jacó nem bem nem mal (Gn 31:24). Labão o encontrou, reclamou de ele ter saído sorrateiramente e disse que tinha poder nas mãos para fazer-lhe mal, mas Deus o orientou para que não falasse nem bem nem mal (Gn 31:25-29). Waltke (2010, p. 530) nota que Deus já havia se revelado a Labão (Gn 24:50), mas o que Labão viu espontaneamente no servo de Abraão, agora via por meio de um sonho ameaçador. Deus estava cumprindo sua promessa a Jacó (Gn 28:15). Assim, nesses dois casos Deus se revelou como protetor do seu povo e cumpridor de suas promessas. Sua exigência com a justiça e sua atenção para atos e intenções foram reveladas a Abimeleque e a Labão.

Em Gênesis 25:22-23, Rebeca estava angustiada porque os dois filhos lutavam em seu ventre, e ela buscou ao Senhor. E o Senhor lhe revelou que dois povos nasceriam dela: um seria mais forte do que o outro, e o mais velho serviria o mais novo. Em Gênesis 26:2-5, Deus apareceu a Isaque quando havia fome na terra e ordenou-lhe para não descer ao Egito; deveria ficar na terra que Deus lhe diria. Repetiu a bênção a Abraão, confirmando-a para Isaque e revelou uma informação nova. Abraão guardou “os meus mandamentos, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis”.

Waltke (2010, p. 453-454) destaca que “os muitos sinônimos para lei denotam a obediência abrangente de Abraão ao domínio de Deus sobre ele” e entende que aqui se refere “provavelmente, toda a lei de Moisés”. Pois “em Deuteronômio 11:1, a mesma lista de termos se refere a toda a lei de Moisés”. Aqui Deus afirmou que suas leis e seus mandamentos eram anteriores ao evento do Monte Sinai. Em Gênesis 26:24, depois de os pastores de Gerar contenderem com Isaque, Deus apareceu a Isaque e disse para ele não temer porque “eu sou contigo; abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, meu servo”.

Quando Jacó estava fugindo de Esaú, Deus se revelou a ele por meio de um sonho (Gn 28:12-17). Havia uma escada cujo topo atingia o céu, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Havia uma repetição das promessas feitas a Abraão e a Isaque. Deus garantiu proteção por onde quer que Jacó fosse e faria Jacó voltar “a esta terra”.

Em Gênesis 31:11-13, o Anjo de Deus falou com Jacó em sonho que Deus estava fazendo justiça a Jacó, demonstrando que Ele vê tudo e intervém. Identifica-se como o Deus de Betel, lembrando a Jacó de suas promessas e como de fato esteve com ele por onde quer que fosse e agora o ordenava a sair daquela terra e a voltar para a terra da parentela dele.

Em Gênesis 32:1-2, os anjos de Deus saíram a encontrar Jacó, talvez os mesmos da escada em Betel. Em Gênesis 32:24-30, Jacó lutou com Deus. Em Gênesis 35:1-4, Ele o orientou a erguer o altar do Senhor para o mesmo Deus de Betel, e Jacó ordenou a sua família a lançar fora os deuses e se purificar. Kidner (2004, p. 162) entende que aqui já são apresentados “os componentes estruturais da lei do Sinai em seu apelo para uma lealdade única, para a pureza cerimonial”. Podemos observar, então, que a proibição à idolatria já tinha sido revelada por Deus antes do Sinai. Em Gênesis 35:9-13, Deus mudou o nome de Jacó e repetiu as bênçãos que tinha anunciado em Betel. White (2007a, p. 198) comenta que a mudança do nome de Jacó para Israel era uma revelação de que o pecado de Jacó havia sido perdoado. Em Gênesis 46:2-4, Deus falou com Jacó em visões: “não temas descer para o Egito” e repetiu as promessas e disse que José fecharia os olhos de Jacó.

Em Gênesis 37:5-8 José teve um sonho¹⁵ e o relatou a seus irmãos; em Gênesis 37:9, teve outro sonho, com conteúdo equivalente. Sailhamer (1992, p. 207) nota que o fato de José ter dois sonhos deve ser entendido à luz de Gênesis 41:32, Deus tinha decidido firmemente. Então no verso 10, Jacó seu pai o repreendeu dizendo: “Que sonho é este que tiveste? Acaso, viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?”. Em Gênesis 42:6-9, José viu seus irmãos prostrados diante dele clamando por alimento e se lembrou da cena do sonho. Em Gênesis 45:7-9, José atribuiu sua ascensão no Egito à ação divina. Foi o cumprimento do sonho.

Em Gênesis 40:5-7, tanto o padeiro como o copeiro do Faraó tiveram um sonho, e cada com sua própria significação. No verso 8, José disse que pertencia a Deus as interpretações. Então o copeiro contou seu sonho (Gn 40:9-11), e José deu a interpretação e então pediu que se lembre dele (Gn 40:12-15). Em seguida, o padeiro relatou seu sonho (Gn 40:16-17), e José o interpretou (Gn 40:18-19). Os versos 21 e 22 confirmam a interpretação que José deu aos sonhos.

Em Gênesis 41:1-7, quem sonhou foi o Faraó, um sonho duplo, assim como o de José quando estava na casa de seu pai. Mas, ninguém podia interpretá-lo, então o copeiro relatou sua experiência ao Faraó, e este mandou chamar José (Gn 41:8-14). José disse ao Faraó que Deus daria resposta favorável a ele (Gn 41:16). José ouviu o sonho e o interpretou para o Faraó e o aconselhou (Gn 41:17-38). Sailhamer (1992, p. 212) observa que de fato José foi um homem em que havia o Espírito de Deus (Gn 41:38), e que tinha um dom dado por Deus que os patriarcas anteriores não tiveram. A resposta do Faraó à interpretação e o conselho de José colocando-o como governador do Egito (Gn 41:37-44) foram o caminho para o cumprimento dos sonhos de José (Gn 37:5-10; 42:9; 45:7-9), tudo conduzido por Deus.

Em Gênesis 48:21, Israel como profeta de Deus anunciou sua morte a José e disse que Deus “será convosco” e vos fará voltar para a terra de vossos pais. Em Gênesis 49:1-27, ainda como profeta Jacó anunciou a seus filhos o futuro da descendência deles, com destaque para Judá que era de onde viria Siló, o rei messiânico, e os povos lhe obedeceriam. White (2007b, p. 223) comenta que a profecia feita por Jacó em Gênesis 49:10 se refere ao Messias.

Na história dos patriarcas Deus continuou se revelando. Revelou-se como um Deus que tudo vê, que defende seu povo, que tem suas leis e espera obediência, que não faz acepção de pessoas e que cuida de todos, que ouve a intercessão. Os sonhos e suas revelações na história de José mostraram como Deus tem o controle da história. Mas, sem dúvida, as mais significativas foram as revelações a respeito da vinda do Messias. Mas, há ainda outra história que ocorreu antes de a Bíblia ser escrita, a de Jó, que veremos a seguir.

A REVELAÇÃO ESPECIAL NA HISTÓRIA DE JÓ

Em Jó 19:25, Jó afirmou que “eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a

¹⁵ Waltke (2010, p. 619) observa que: “Este é o primeiro sonho na Bíblia no qual Deus não fala (cf. 20.3; 28.12-15; 31.11, 24). Ele forma uma transição nos meios dominantes da revelação divina de teofania, em Gênesis 1-11, para os sonhos e visões em Gênesis 12-35, e agora para providência em Gênesis 36-50. Estes três estágios lembram as três partes de TaNaK (i.e., o AT). Na Tora (‘Lei’), Deus fala a Moisés em teofania; no Nebiim (‘Profetas’), ele fala em sonhos e visões; e no Ketubim (‘Escritos’), ele opera em grande parte através da Providência”.

terra”. Não é exatamente uma revelação, mas demonstra que Jó já havia recebido uma revelação. Em Jó 38-40:2, Deus respondeu às suas indagações. A resposta de Deus é que Ele é o Criador e o Mantenedor da criação, cuida do clima, das estações e dos dias, além de prover sustento para cada uma de suas criaturas. Andersen (1976, p. 293-294) destaca que a lista de criaturas apresentadas nesse primeiro discurso é variada. Começa com alguns elementos cósmicos, passa para os fenômenos meteorológicos e conclui com os animais. Ele ressalta que o cavalo é o único animal doméstico na lista, tudo o mais na lista está fora do controle humano. Deus estava mostrando a Jó que quase tudo neste mundo está fora do controle humano, mas funciona perfeitamente porque Deus está no controle.

Moskala (2004, p. 115) observa que, ao se apresentar como Criador, Deus estava dizendo que Ele está acima de tudo, está no controle, é a fonte da vida e ainda é capaz de recriar. Deus não é um destruidor, Ele é capaz de criar algo novo até do caos, e então Jó teve a certeza de que estava nas mãos poderosas do Criador. Fox (2008, p. 14) comenta que ao descrever o cuidado com as espécies animais, Deus estava por analogia mostrando como cuidava de Jó.

Aqui também Deus revelou a Jó que os anjos já existiam antes da Criação (Jó 38:7). Jó reconheceu sua condição e que não era possível contender com Deus (Jó 40:3-5). Em Jó 40:6-41:34, Deus afirmou que ninguém poderia anular seu julgamento (Jó 40:8) e que ele estava atento aos que praticavam o mal e os punia. Além disso, deixou claro que tudo vinha dEle (Jó 41:11). Em Jó 42:1-6, Jó reconheceu que os planos de Deus não poderiam ser frustrados, que havia falado do que não sabia. Antes conhecia só de ouvir, agora Jó havia recebido tal revelação de Deus que podia dizer: “os meus olhos te veem”. Carson (2017, p. 64) ressalta que o livro de Jó nos ensina que há limites para nosso conhecimento. E Deus em muitos momentos espera que confiemos, mesmo sem explicações.

Em Jó 42:7-9, o Senhor falou a Elifaz que ele não tinha dito o que era correto a respeito dEle, Elifaz tinha uma teologia equivocada. Jamieson, Fausset e Brown (1997, p. 344) observam que tanto Elifaz como seus amigos usaram argumentos falsos. Apesar de falarem “defendendo” Deus, foram reprovados por Ele. Andersen (1976, p. 316-317) nota que os papéis agora estavam invertidos. Enquanto discursavam, nenhum deles imaginou que poderiam ser objeto da ira divina; agora Jó seria quem intercederia por eles. Keil e Delitzsch (1996, p. 701-703) comentam que os amigos de Jó abandonaram a verdade em favor da “justiça de Deus”, e agora Jó era o mediador sacerdotal deles, e o “punido” intercederia contra a punição deles.

Deus os orientou a ir a Jó e oferecer holocaustos, Jó então oraria por eles e Deus aceitaria a intercessão. Alden (1996, p. 412) nota aqui os dois elementos básicos da conversão: abandono do pecado e volta para Deus. Então, Elifaz, Bildade e Zofar foram até Jó, e Deus aceitou a oração de Jó. Na história dele, Deus se revelou como o Criador, o Mantenedor, e revelou o poder da intercessão e que nem sempre precisamos saber tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as histórias relatadas em Gênesis e Jó, podemos perceber o quanto Deus revelou antes de a Bíblia ser escrita. Observe que já havia a revelação do Grande Conflito e da vitória final de Jesus sobre a serpente. O plano da redenção foi anunciado no Éden, exemplificado pela morte do

cordeiro, depois explicado a Abraão e mostrado no quase sacrifício de Isaque. A intercessão pelos outros foi apresentada nas histórias de Abraão e de Jó.

A revelação de um Deus que está disposto a dar uma segunda chance pode ser vista na história de Caim, no recomeço da terra após o Dilúvio e no final da história de Jó, especialmente em relação a seus amigos. A revelação sobre o juízo divino pode ser observada nas histórias de Noé e de Sodoma e Gomorra. A revelação sobre a volta de Jesus foi dada a Enoque. A revelação de que Deus está no controle da história pode ser notada nas histórias de José e de Jó.

As leis de Deus podem ser observadas nas histórias de Abraão e de Isaque. As leis dietéticas e a sacralidade da vida aparecem na história de Noé. Os sacrifícios estão presentes desde o início nas histórias em Gênesis e em Jó. Abraão e os demais patriarcas receberam a revelação de como sua descendência abençoaria todas as nações. Essa revelação foi dada de forma progressiva, começando com o chamado em Gênesis 12 até Gênesis 49, em que Jacó profetizou que o Messias viria da tribo de Judá.

O cuidado divino aos que o buscam pode ser visto nos alertas a Abimeleque e Labão. Mas Deus cuida também daqueles que não fazem parte do seu povo. Os paralelos entre as histórias de Ismael (Gênesis 21) e de Isaque (Gênesis 22) demonstram o Seu cuidado com ambos de igual forma, o que deixa claro que Ele cuida de todos. A presença do Anjo do Senhor como transmissor e sendo reconhecido como Deus revelava que a divindade não era formada por apenas uma pessoa.

Na história de Jó, Deus se revelou como o Criador e o Mantenedor e também que nem sempre é preciso ter toda a revelação para confiar nEle. Além disso, apresentou como uma teologia equivocada pode nos deixar em uma posição oposta ao que Deus quer de nós. Essas são as revelações dadas por Deus que estão descritas na Bíblia, mas cremos que a revelação de Deus aos homens e mulheres no período antes de a Bíblia ser escrita não se restringiu ao que está registrado ali, assim como o que Jesus fez quando estava aqui na terra não é só o que está registrado (Jo 21:25).

Podemos concluir que não houve um hiato de 2.500 anos sem revelação especial. Os antediluvianos receberam a revelação por pelo menos 120 anos, isso considerando-se apenas a partir da decisão divina em Gênesis 6:3. Abraão construía altares e invocava o nome do Senhor (Gn 12:8; 13:4; 21:33). Além disso, a revelação não era apenas para o receptor: Abraão, por exemplo, deveria instruir seus filhos e sua casa depois dele (Gn 18:19). A revelação foi progressiva e com conteúdo suficiente para que as pessoas pudessem saber qual era a vontade de Deus.

Deus não se escondeu da raça humana. Hoje não é diferente, temos na Bíblia a revelação especial escrita.¹⁶ E Deus tem muito a nos falar, precisamos apenas estar dispostos a ouvi-Lo como muitos desses patriarcas do passado. O que Ele requer de nós hoje é o mesmo que pediu a Abraão: “ande na minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1).¹⁷ Você está disposto?

¹⁶ Com o crescimento do povo de Deus e o avanço da degradação física e intelectual da raça humana, houve a necessidade de a revelação especial ser escrita. Então a Bíblia começou a ser escrita, e a revelação continuou a progredir, tendo seu ápice na encarnação de Jesus Cristo.

¹⁷ Na nossa esfera White (2007b, p. 559)

REFERÊNCIAS

- ALDEN, R. L. **The New American Commentary**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1996. v. 11.
- ANDERSEN, F. I. **Job: An Introduction and Commentary**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1976. v. 14.
- AZEVEDO, J. À porta do paraíso: uma interpretação contextual de Gn 4:7. **Hermenêutica**, v. 3, p. 17-21, 2003.
- BAVINCK, H. **Teologia Sistemática: os fundamentos da fé cristã**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo, SP: Socep, 2001.
- BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990.
- CANALE, F. **O princípio cognitivo da teologia cristã: um estudo hermenêutico sobre revelação e inspiração**. Tradução de Neumar de Lima. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2011.
- CARSON, D. A. Biblical-theological pillars needed to support faithful Christian reflection on suffering and evil. **Trinity Journal**, n. 38, p. 55-77, 2017.
- DAVIDS, P. H. **The letters of 2 Peter and Jude**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 2006.
- DAVIDSON, J. Eschatology and Genesis 22. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 11, n. 1-2, p. 232-247, 2000.
- ERICKSON, M. J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo, SP: Vida Nova, 1997.
- FOX, M. V. The Meanings of the Book of Job. **Journal of Biblical Literature**, v. 137, n. 1, p. 7-18, 2008.
- GRUDEM, W. A. **Manual de teologia sistemática: uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo, SP: Vida, 2001.
- GULLEY, N. **Systematic Theology, God as Trinity**. Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2011.

GULLEY, N. Trinity in the Old Testament. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, n. 1, p. 80-97, 2006.

HENRY, M. **Matthew Henry's commentary on the whole Bible**: complete and unabridged in one volume. Peabody, MA: Hendrickson, 1994.

HUGHES, R. K. **Genesis**: Beginning and blessing. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. Tradução de Hélio Grellmann. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 1996. v. 1.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 1996. v. 4.

KIDNER, D. **Gênesis**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo, SP: Vida Nova, 2004.

KISSLING, P. J. **The College Press NIV Commentary**: Genesis. Joplin, MO: College Press Publishing Co., 2004.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. v. 1.

MATHEWS, K. A. **The New American Commentary**: Genesis 1-11:26. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1996. v. 1.

MOSKALA, J. The God of Job and Our Adversary. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 15, n. 1, p. 104-117, 2004.

MOSKALA, J. Toward Trinitarian Thinking in the Hebrew Scriptures. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 21, n. 1-2, p. 245-275, 2010.

MULZAC, K. Genesis 9:1-7: Its Theological Connections with the Creation Motif. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 12, n. 1, p. 65-77, 2001.

ROSS, A. P. Genesis. *In*: WALVOORD, J. F.; ZUCK, R. B. (Eds.). **The Bible Knowledge Commentary**: An Exposition of the Scriptures. Wheaton, IL: Victor Books, 1985. v. 1.

SAILHAMER, J. H. **The Pentateuch as Narrative**: a biblical-theological commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1992.

SCHREINER, T. R. *1, 2 Peter, Jude*. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2003.

SOUZA, E. B. **Subsídios para a lição da Escola Sabatina 4º Trimestre de 2006**. Lição 4: O paraíso Perdido. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e inspiração. *In*: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia: Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 22-57.

VON GRONINGEN, G. **Revelação messiânica no Antigo Testamento**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2003.

WALTKE, B. K. **Comentário do Antigo Testamento: Gênesis**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010.

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

.